

31/07

**PAIXÕES EM PRIMEIRA PÁGINA:
ANÁLISE LINGUÍSTICA DE MANCHETES DE JORNAL**

Maria Flávia Figueiredo (Unifran)

Juscelino Pernambuco (Unifran)

INTRODUÇÃO

No jargão jornalístico, considera-se “manchete” o título de maior destaque, geralmente exposto no alto da primeira página de um jornal. De modo geral, a manchete alude à principal notícia trazida naquela edição. Por essa razão, muitas vezes o jornal vem a reboque da manchete, ou seja, a simples leitura desta pode influenciar a compra daquele, motivada pela atração, pela sensação, pelo impacto ou pela curiosidade despertada no leitor.

A partir desse raciocínio, no presente trabalho, buscaremos descrever a maneira pela qual as paixões humanas podem ser despertadas no leitor durante a leitura de tais enunciados, uma vez que, como ensinou Aristóteles, as paixões são sentimentos humanos que, ao causar mudança nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos. Para esse mestre da retórica, são catorze as paixões que assolam a alma humana, a saber: a cólera, a calma, o temor, a segurança, a inveja, a impudência, o amor, o ódio, a vergonha, a emulação, a compaixão, o favor, a indignação e o desprezo.

O *corpus* de análise da presente pesquisa é constituído de oito manchetes extraídas de edições de um periódico local da cidade de Franca – Jornal Comércio da Franca – veiculadas durante os meses de março e abril de 2010, período em que a cidade foi assolada por um caso de pedofilia, o qual gerou grande polêmica na imprensa local.

A fim de proceder à investigação, faremos uma análise textual das manchetes à luz da Linguística Textual e da Retórica, buscando descrever a constituição passional de seus enunciados.

1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

As oito manchetes que constituem o *corpus* encontram-se listadas abaixo, precedidas pelas datas em que foram veiculadas.

25 de março de 2010:	DENÚNCIA DE PEDOFILIA ASSOMBRA DIOCESE DE FRANCA
26 de março de 2010:	NOVAS DENÚNCIAS REFORÇAM SUSPEITA DE PEDOFILIA
27 de março de 2010:	POLÍCIA ABRE INQUÉRITO; BISPO AFASTA PADRE DÉ
30 de março de 2010:	PADRE OVÍDIO DEPÕE E CONFIRMA QUE SABIA DAS DENÚNCIAS: “ACHEI QUE ERA COISA DE MOLEQUE.”
31 de março de 2010:	PADRE DÉ NEGA ABUSOS
8 de abril de 2010:	SEIS PADRES ADMITEM À POLÍCIA QUE CONHECIAM DENÚNCIAS DE ABUSO SEXUAL
11 de abril de 2010:	DETALHES AGRAVAM DENÚNCIAS DE PEDOFILIA
13 de abril de 2010:	DELEGADA INDICIA PADRE DÉ POR ESTUPRO

Antes de apresentarmos a teoria aristotélica sobre as paixões e procedermos à análise de cada um dos enunciados supracitados, apresentaremos, em seguida, uma observação decorrente da leitura sequenciada das manchetes que constituem o *corpus*.

2 A ESTRUTURA NARRATIVA NO SEQUENCIAMENTO DAS MANCHETES

Ao lermos as oito manchetes, tais como dispostas no item anterior, isto é, em sequência, podemos observar que não estamos diante de meros enunciados esparsos, mas sim, de um texto narrativo. As manchetes, quando lidas em conjunto, constituem uma narrativa. Ao lê-las, é como se estivéssemos acompanhando um enredo de um caso, de uma história completa, com começo, meio e fim. Em termos estruturais, podemos dizer que a “ação” acontece numa sequência linear que obedece a ordem cronológica e a relação de causalidade. A leitura dessa história, cronologicamente recomposta, permite ligar os fios de um enredo subentendido pelos conteúdos antes fragmentados em dispersas notícias e agora atualizados pelo sequenciamento dos enunciados. Vemos, assim, que podemos recompor uma estrutura narrativa integral ao remontar as sequências de notícias trazidas pelas manchetes sobre um mesmo tema publicadas em oito edições diferentes de um mesmo jornal.

A respeito da estrutura narrativa em textos jornalísticos, Salomão (2004) declara que muitas vezes lança-se mão de uma narrativa em função do desejo de que “determinada matéria – ou melhor, história contada – tenha grande impacto ou reação do público”.

No caso das manchetes analisadas, pudemos verificar uma nítida opção, por parte da mídia jornalística, pela utilização de estratégias discursivas específicas que privilegiam a

exposição de um “conteúdo espetacular”, expresso por um discurso envolvente e sedutor, em detrimento de um discurso informativo.

Frente a enorme concorrência midiática no mundo atual, sabemos que os veículos informativos, para tornarem-se competitivos entre si, buscam alternativas para manutenção do interesse pelo noticiário que oferecem ao público. Com isso, temos visto e assistido nos noticiários uma mostra daquilo que, há mais de 40 anos, o teórico norte-americano Fraser Bond (apud SALOMÃO, 2004) chamou a atenção: para se obter êxito comercial, “importa privilegiar histórias relacionadas com os interesses próprios da audiência e também as que envolvessem sexo, crimes, culto do herói e da fama etc. Tudo isso melhor se apimentado com uma narrativa envolvente e sedutora”.

A seguir, serão apresentadas algumas considerações acerca da arte oratória apresentada por Aristóteles em sua obra *Retórica* e também um elenco das catorze paixões seguidas de suas respectivas caracterizações, de acordo com o mestre estagirita.

3 A RETÓRICA DAS PAIXÕES

Aristóteles, em sua obra por excelência no trato da arte oratória – *Retórica* –, dispõe-se a mostrar “que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”. (MEYER, 2000, p. XLI).

Nessa obra, fica claro que a concepção aristotélica do saber humano era diferente da de Platão, uma vez que ele privilegiava a opinião, a *dóxa*, e não as inquirições dos filósofos que tentavam levar a certas filosofias (cf. FONSECA, 2000, p. XII). Ao privilegiar a *dóxa* e mostrar que não são as verdades universais, mas sim as opiniões que, de fato, constituem as premissas para o raciocínio lógico, a teoria aristotélica se mostra uma grande aliada na análise do *corpus* selecionado nesta pesquisa. Com base nesse raciocínio, podemos dizer que nossa análise, com veremos a seguir, evidencia que as manchetes de jornal veiculam, sobretudo, *as opiniões* do redator ou daquele veículo de informação e não *as verdades universais* sobre os fatos ocorridos.

Ao longo da análise valer-nos-emos, principalmente, da segunda parte da obra *Retórica*, ou seja, da *Retórica das Paixões*, dedicada ao estudo da *páthe*, as paixões propriamente ditas. Porém, é importante lembrar que, nessa obra, as paixões não são entendidas como virtudes ou vícios permanentes, pois estão relacionadas a situações transitórias, provocadas pelo orador. (cf. FONSECA, 2000, p. XV).

3.1 Breve descrição das paixões aristotélicas

3.1.1 Cólera: é um brado contra a diferença imposta, “injusta” ou como tal sentida. Daí o desejo de vingança. Ela reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo.

3.1.2 Calma: pode, a rigor, figurar a indiferença, a ausência de toda paixão, o contrário absoluto daquilo que arrebatava os homens. É o contrário e talvez o antídoto da cólera.

3.1.3 Amor: é certamente um vínculo de identidade mais ou menos parcial. É o próprio lugar da conjunção, da associação.

3.1.4 Ódio: é puramente dissociador.

3.1.5 Temor: é certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente. Tememos aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos. Até os indícios de tais coisas são temíveis.

3.1.6 Confiança (Segurança): é uma forma de amizade mais remota e também uma evidência de assimetria na relação.

3.1.7 Vergonha: reforça a importância do olhar do outro. É uma reação à imagem que o outro faz de mim. A interiorização do olhar do outro desenvolve uma imagem inferior de mim mesmo.

3.1.8 Impudência: é também uma reação à imagem que o outro faz de mim. Pela impudência assimilo a imagem que o outro forma de mim como nula, indiferente. Afirmando minha superioridade sem atentar para o outro. Consagra a não essencialidade do outro, ou seja, a imagem que ele tem de mim carece de importância.

3.1.9 Favor (obsequiosidade): é uma resposta a outrem. Atende a sua pretensão, a seu caráter passional. É prestar serviço, descobrir a necessidade alheia, entendendo-se que quem responde dessa maneira não o faz por interesse.

3.1.10 Compaixão (piedade): concerne, antes de tudo, àqueles que se julgam de tal maneira acima dos outros que se mostram inconscientes das desventuras, das reviravoltas, em suma, das paixões que podem sobrevir. Tudo o que diz respeito à desventura (forçosamente não voluntária) dos homens excita a piedade.

3.1.11 Indignação: reflete a não-aceitação (moral) do espetáculo das paixões, de sua desordem. Ela decorre da idéia de que “isso não poderia ter acontecido”.

3.1.12 Inveja: ocorre quando de quer tirar do outro o que ele tem.

3.1.13 Emulação: ocorre quando se quer apenas imitar o outro, seguir o seu modelo.

3.1.14 Desprezo: tende para a ruptura, não desejando nem a diferença nem a identidade.

Passemos, então, à análise das manchetes propriamente ditas.

4 ANÁLISE DAS MANCHETES À LUZ DAS PAIXÕES ARISTOTÉLICAS

4.1 DENÚNCIA DE PEDOFILIA ASSOMBRA DIOCESE DE FRANCA

À primeira vista, a leitura dessa manchete pode causar *espanto*. Essa emoção, porém, não foi descrita por Aristóteles nestes termos. Recorremos, então, à leitura do verbete *espanto* no dicionário Houaiss, o que nos conduz a, pelo menos, dois raciocínios. O primeiro é decorrente daquilo que está exposto na primeira acepção – “qualidade do que (...) causa assombro” – o que coincide com a ideia passada pelo verbo da manchete analisada (Denúncia de pedofilia *assombra* diocese de Franca). Logo, a possibilidade de *espanto* já encontra nesse verbo uma marca linguística. O segundo raciocínio decorre da segunda acepção apresentada – “medo, susto” – o que evidencia a possível relação entre a emoção do espanto e a paixão do *temor*, essa sim considerada por Aristóteles. Como vimos, de acordo com o autor, o *temor* é certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente. São temíveis aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos. Por isso, até os indícios de tais coisas são temíveis.

A partir da retomada da descrição do *temor* podemos concluir que o enunciado que compõe a manchete traz, além do verbo *assombrar*, outras marcas linguísticas que remetem a

tal paixão. A mais evidente delas talvez seja a palavra *pedofilia* que por si só tem a capacidade de despertar, no imaginário de leitor, uma gama variada de imagens, experiências e lembranças danosas e destruidoras. Também a palavra *denúncia* remete ao temor, pois, como vimos, “até os indícios de tais coisas” podem causar temor. Além disso, a palavra *Franca* localiza, para o leitor, a proximidade com o temível, ou seja, a notícia é de algo que se passa na cidade onde se encontra o leitor desse jornal local. Também a palavra *diocese*, presente no enunciado, evidencia que a Igreja, que deveria ser sinônimo de confiança e segurança, passa a simbolizar o medo, a cautela, a desconfiança, enfim, o *temor*.

A leitura dessa manchete pode também suscitar a paixão da *vergonha*, pelo fato de trazer à tona uma mancha que atinge, direta ou indiretamente, toda a comunidade local (pais, mães, irmãos, filhos, sobrinhos, conhecidos). Quando temos vergonha de algo ou alguém, fazemos questão de esconder ou omitir qualquer ligação que temos ou tivemos com esse algo ou alguém. Daí a *vergonha* por pensar que confiamos em quem foi capaz de fazer tais barbaridades.

Uma outra emoção que pode ser suscitada diante dessa manchete é a *indignação*. Como vimos, essa paixão reflete a não-aceitação (moral) do espetáculo das paixões. É quando nos sentimos impelidos a pronunciar a frase “isso não poderia ter acontecido”, o que evidencia uma aproximação entre o leitor e as possíveis vítimas dos atos de pedofilia.

Por outro lado, os leitores, por se sentirem de alguma forma vinculados ao suposto acusado de praticar tais atos, podem, sim, aproximar-se dele, identificar-se com ele e, conseqüentemente, duvidar da veracidade dos fatos narrados pelo jornal. Nesse caso, esses leitores seriam provavelmente acometidos pela *compaixão* em relação ao sacerdote, nesse caso, “vítima” da acusação. Como sabemos, tudo o que diz respeito à desventura (forçosamente não-voluntária) dos homens excita a *compaixão*.

4.2 NOVAS DENÚNCIAS REFORÇAM SUSPEITA DE PEDOFILIA

Essa manchete tem início de maneira bombástica: *novas denúncias*. E, se o leitor ainda guardava a esperança de que tudo não passava de um engano, um mal entendido ou mesmo má fé de alguém, ou do próprio jornal, essa se dissolve em função do *reforço* provocado por essas palavras. O verbo *reforçar* tem aqui o peso de uma ratificação, podendo, assim, extinguir uma eventual dúvida. Se antes era só uma *suspeita* (palavra que também compõe o enunciado), agora podemos ter certeza.

Essa leitura e interpretação possível podem causar no leitor uma mistura de *indignação*, *ódio*, *desprezo*. Paixões que se mesclam e desestabilizam o leitor. Possivelmente a *indignação* está relacionada ao ato em si; ao passo que o *ódio* e o *desprezo* dirigem-se à pessoa que foi capaz de praticá-lo. É bem provável que o *ódio*, sendo uma paixão dissociadora, seja suscitado em função da quebra de confiança, isto é, a acusação recai sobre uma pessoa que desfruta, ou desfrutava da confiança de milhares de pessoas pertencentes à comunidade francana. O *desprezo*, por sua vez, relaciona-se ao julgamento que se faz de tal pessoa. Há, portanto, uma não-identificação entre o leitor e o acusado.

4.3 POLÍCIA ABRE INQUÉRITO; BISPO AFASTA PADRE DÉ

Essa manchete, composta por duas orações, ressalta, primeiramente, a presença de duas autoridades em instâncias diferentes. A primeira delas, *polícia*, simboliza uma autoridade criminal, e a segunda, *bispo*, representa uma autoridade eclesiástica. Ambas aparecem dotadas do poder para executar suas respectivas funções: enquanto a primeira *abre inquérito* (primeiro passo no âmbito criminal), a segunda *afasta o padre* das funções sacerdotais. Essas duas atitudes, evidenciadas nas declarações presentes nas manchetes, propiciam, à população, um estado de tranquilidade, o que poderia despertar no leitor a paixão da *calma*. Como vimos na teoria, a *calma* é o contrário e talvez o antídoto da *cólera*. Portanto, aquele leitor que se sentiu colérico na leitura das primeiras manchetes, pode agora desfrutar de um pouco de *calma* perante a iminente averiguação dos fatos e o afastamento do elemento desestabilizador e fomentador do desejo de vingança. Por outro lado, os leitores que duvidam da veracidade dos fatos podem ser acometidos pela *compaixão* em relação ao padre, agora afastado de suas funções sacerdotais.

4.4 PADRE OVÍDIO DEPÕE E CONFIRMA QUE SABIA DAS DENÚNCIAS: “ACHEI QUE ERA COISA DE MOLEQUE.”

Essa manchete, diferentemente das anteriores, traz uma declaração de um dos padres que foi intimado a depor. Os dois verbos *confirmar* e *saber* denotam, respectivamente, uma ratificação de uma informação (subentende-se que alguém tenha dito que esse padre tinha conhecimento dos fatos) e uma declaração de conhecimento das *denúncias* (outra palavra presente na manchete e que, por estar no plural, denota a possibilidade do padre ter sido procurado por mais de um denunciador). Em seguida encontramos, como subtítulo da

manchete, uma citação da própria fala do padre, a qual pode ter sido extraída de seu depoimento ou de uma declaração dada por ele a algum repórter do jornal: “*achei que era coisa de moleque*”. De qualquer forma, o que se ressalta aqui é o uso do discurso direto, que, em teoria, estabelece a fonte dessa informação.¹ Essa soma de elementos pode suscitar, no leitor, a paixão da *indignação*, pois o leva a pensar que o padre sabia e se calou, mesmo diante de um fato tão assombroso. Pode também levar o leitor a pensar que o padre foi acometido pela paixão do *desprezo* diante da denúncia feita previamente a ele por mais de um denunciador. O que possibilita essa interpretação é o uso da expressão *coisa de moleque*, ou seja, algo sem importância, algo que pode ter sido inventado, fantasiado. Nesse caso, a paixão do *desprezo* está relacionada a uma opção, da parte do padre, por ignorar os fatos, não desejando, como ressalta Aristóteles, nem a diferença nem a identidade com o denunciador.

Outra paixão que pode ser suscitada no leitor diante dessa manchete é a da *cólera*, já que essa pode ser considerada “um brado contra a diferença imposta, ‘injusta’ ou como tal sentida. Daí o desejo de vingança, como uma forma de reequilibrar a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo. Assim, esse leitor poderia pensar que, mesmo sendo “coisa de moleque”, a denúncia deveria ter sido apurada internamente pela Igreja. Se isso não ocorreu, é como se o padre em questão tivesse optado por ser conivente com as ações do suposto padre pedófilo.

4.5 PADRE DÉ NEGA ABUSOS

Essa manchete, bastante curta, em comparação com algumas outras, é a manifestação de uma resposta do padre às acusações que recebeu. O verbo utilizado foi *negar*, isto é, uma forma de renunciar, de “desmentir” o que foi dito.

Uma paixão passível de ser suscitada, nesse caso, é mais uma vez a *indignação*, pois, mesmo sabendo que essa seria a reação mais óbvia de qualquer pessoa que fosse acusada de um crime, sendo ela culpada ou não, era de se esperar, diante de tantas evidências, que algo diferente fosse declarado pelo padre, como, por exemplo, um pedido de desculpas. Obviamente, mesmo que isso tenha sido feito pelo padre na tentativa de explicar um possível mal entendido, o jornal optou por omitir essa informação na manchete.

Há ainda a possibilidade de um grupo de leitores serem acometidos pela *compaixão*, por duvidarem que o padre seria capaz de cometer tais atos.

¹ Em depoimentos pessoais, fora da mídia, esse mesmo padre alegou que o jornal “colocou palavras em sua boca” ao comentar seu depoimento junto à delegacia. Talvez tenham sido essas as palavras que lhe atribuíram.

4.6 SEIS PADRES ADMITEM À POLÍCIA QUE CONHECIAM DENÚNCIAS DE ABUSO SEXUAL

Nesse caso, como uma continuação da quarta manchete, o leitor será provavelmente acometido pelas paixões da *indignação* e da *cólera* pelos mesmos motivos elencados na análise supracitada, porém, dessa vez de forma mais intensa, pois não é apenas um, mas são *seis* os *padres* que *sabiam* das *denúncias de abuso sexual* e nada fizeram para averiguá-las. A expressão *abuso sexual* também serve como fator intensificador das paixões suscitadas, uma vez que desvela o conteúdo da denúncia, tornando, assim, mais concreto e palpável o repertório imagético que veio sendo construído na mente do leitor desde o início da exploração do caso por essa mídia.

Outra paixão que pode ser suscita é o *desprezo* (o qual tende para a ruptura), quando o leitor se depara com o silenciamento do *padres*. Silenciamento este que pode denotar uma identificação dos *padres* com o agressor.

4.7 DETALHES AGRAVAM DENÚNCIAS DE PEDOFILIA

O uso da palavra *detalhes* vem mais uma vez reforçar o repertório imagético do leitor a respeito do caso, o que pode intensificar as possíveis paixões sentidas: *cólera*, *temor*, *indignação*, *vergonha* e, já a essa altura, certo *desprezo*, diante da incontestabilidade dos fatos.

4.8 DELEGADA INDICIA PADRE DÉ POR ESTUPRO

Essa última manchete denota um encerramento do caso. Isso se dá da seguinte maneira: em termos sintáticos, o *sujeito* da ação é a *delegada*, autoridade máxima, na primeira instância criminal, para julgar o caso; e ela o faz dentro das atribuições que lhe cabem. O verbo *indiciar*, cuja acepção mais adequada nesse contexto é “submeter (alguém) a inquérito policial”, comprova tal afirmação. O *objeto* da ação do indício é o próprio *padre Dé*, também mencionado na manchete, porém desta vez por um crime muito mais grotesco (*estupro*) do que os que vinham sendo construídos na mente do leitor. Houve, dessa forma, um crescendo na construção da barbárie do crime cometido. Esse crescendo foi construído, em ordem cronológica, pelas seguintes palavras e/ou expressões: “*denúncia de pedofilia*”; “*suspeita de*

pedofilia”; “denúncias” (amenizadas pela expressão “*coisa de moleque*”); “abusos”; “abuso sexual”; “denúncias de pedofilia” (agravadas pela palavra “*detalhes*”); “estupro”.

A palavra *estupro*, usada pela delegada em função da alteração da lei sobre abusos sexuais, tem, nesse contexto, um impacto inominável. Independentemente do fato de que, de acordo com a lei 12.015 (que trata dos Crimes Contra a Dignidade Sexual e que entrou em vigor em agosto de 2009), o conceito de estupro tenha sido ampliado, passando a abarcar também outros “atos libidinosos” (tais como gestos que causem constrangimento e carícias forçadas), para o leitor leigo essa palavra está vinculada à ideia de conjunção carnal ou cópula anal, o que supostamente lhe causaria enorme *indignação*, revolta e *cólera*.

A paixão da *calma* também poderá ser suscitada neste contexto, uma vez que ela, nas palavras de Aristóteles, “recria a simetria”. Isso também ocorre, pois, a partir do posicionamento da delegada, tem-se a expectativa de que a justiça será feita; portanto, o desejo de vingança é aplacado, gerando, possivelmente, a *calma*.

CONCLUSÃO

Sem dúvida alguma, as manchetes analisadas neste trabalho são um convite a abandonar a ideia de que a notícia é um espelho da realidade. Na verdade, ela é também uma ficção simultaneamente intencional e não intencional. Diante disso, resta-nos admitir o fato de “que a notícia é um dispositivo para dar forma à experiência – tal como um poema, um romance, um livro de histórias, ou um conto de fadas”. (ZALIZER, 2004, p. 131 apud CORREIA, 2010)

Esse fato nos faz refletir acerca do alcance persuasivo das manchetes e também do nível de manipulação que pode ser executada por esse tipo de mídia por meio da escolha das palavras e também das construções presentes nesses enunciados, uma vez que até mesmo aqueles leitores que não tiveram acesso às matérias na íntegra mas que apenas viram as capas do jornal puderam acompanhar a “história” que o jornal optou por contar por meio dessas manchetes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: RIDEEL, 2007. (Coleção Biblioteca Clássica)

_____. **Retórica das paixões**. Trad. do grego Isis Borges B. da FONSECA. Prefácio de Michel MEYER. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SALOMÃO, Mozahir. 2004. **A narrativa como valor-notícia**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=289DAC001>. Acesso em abril de 2010.